



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE COOPERATIVAS DE  
CRÉDITO**

**ARQUELAU ÁIRES GUIMARÃES**

**COOPERATIVAS DE CRÉDITO X INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS:  
ASSEMELHAM-SE NOS SERVIÇOS OFERTADOS E DIVERGEM NA  
FILOSOFIA OPERACIONAL**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

**ARQUELAU AIRES GUIMARÃES**

**COOPERATIVAS DE CRÉDITO X INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS:  
ASSEMELHAM-SE NOS SERVIÇOS OFERTADOS E DIVERGEM NA  
FILOSOFIA OPERACIONAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão de Cooperativas de Crédito cancelado pela Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Gestão de Cooperativas de Crédito.

Orientadora Prof. Dra. M<sup>a</sup> Ronilda C.B. Vasconcelos

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G963c Guimarães, Arquelau Aires  
Cooperativas de crédito x instituições bancárias [manuscrito] :  
assemelham-se nos serviços ofertados e divergem na filosofia  
operacional / Arquelau Aires Guimarães. - 2014.  
14 p.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Gestão de Cooperativas de  
Crédito) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-  
Graduação e Pesquisa, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria Ronilda C. B. Vasconcelos,  
Departamento de Fisioterapia".

1. Cooperativa de crédito. 2. Filosofia operacional. 3.  
Instituição bancária. 4. Cooperado. I. Título.

21. ed. CDD 334.2

**ARQUELAU ÁIRES GUIMARÃES**

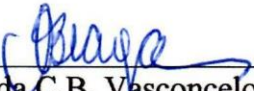
**COOPERATIVAS DE CRÉDITO X INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS:  
ASSEMELHAM-SE NOS SERVIÇOS OFERTADOS E DIVERGEM NA  
FILOSOFIA OPERACIONAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão de Cooperativas de Crédito em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Gestão de Cooperativas de Crédito.

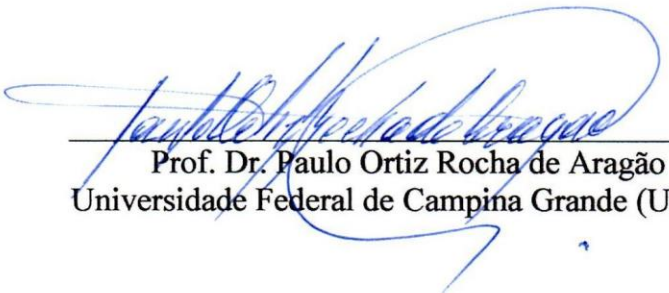
Orientadora: Dra. M<sup>a</sup> Ronilda C. B. Vasconcelos

Aprovada em: 25/04/2014.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. M<sup>a</sup> Ronilda C.B. Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rômulo Marinho do Rêgo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Ortiz Rocha de Aragão  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

## **RESUMO**

Neste trabalho são levantadas as principais diferenças existentes entre as cooperativas de crédito e os bancos partindo de um estudo histórico sobre as duas instituições e tomando como referência que o capitalismo tardio brasileiro fez com que as instituições bancárias brasileiras procurassem oferecer seus serviços e produtos a uma clientela mais selecionada e somente recentemente ocorreu uma maior bancarização e acesso ao crédito pela nossa população, o que corrobora a o rato discutido neste trabalho da busca de ganhos feito pelas instituições bancárias, procurando vender produtos e serviços sem uma maior preocupação em atender uma maior demanda dos clientes, o que contrasta com a filosofia das cooperativas de crédito que seguem princípios e valores baseados no interesse do cooperado.

**Palavras -Chave: Cooperativas de crédito. Filosofia operacional. Princípios**

## **ABSTRACT**

This work are the main differences between credit unions and banks from a historical study on the two institutions and by reference to the late Brazilian capitalism made Brazilian banking institutions seek to offer their services and products to a selected clientele and only recently occurred a greater banking and access to credit for our population , which corroborates the mouse discussed in this work of seeking gains made by banking institutions, seeking to sell products and services without a greater concern to meet increased demand from customers, which contrasts with the philosophy of credit unions that follow principles and values based on the interest of the Member.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. INSTITUIÇÕES BANCARIAS. ....</b>	<b>9</b>
<b>3. COOPERATIVAS DE CRÉDITO .....</b>	<b>11</b>
<b>4. COOPERATIVAS X BANCOS .....</b>	<b>13</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>16</b>

## **1. INTRODUÇÃO.**

Entender as cooperativas de crédito, diante de um comparativo com as instituições bancárias, acredita-se ser fundamental que seja procedida um apanhado de informações referente às suas características para que se possa identificar as possíveis similaridades e diferenças.

Partindo desse pressuposto, a priori, será necessário que seja visualizado em que consiste conceitualmente essas duas instituições atuantes no mercado financeiro, com atendimentos relevantes a população que delas faz uso, bem como informações que contribuam para formatação do entendimento acerca de sua estrutura e lógica de funcionamento.



## 2. INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS.

Sobre as instituições bancárias os conceitos que circulam no universo teórico, podem ser ilustrados pelo defendido nessas expressões:

Os bancos são instituições privadas ou públicas que fornecem serviços financeiros à sociedade [...] essenciais à manutenção das atividades comerciais, já que, além de oferecer serviços financeiros, facilitam transações de pagamento e oferecem crédito pessoal, ajudando no desenvolvimento do comércio nacional e internacional. [...] O resultado dessas operações é a constante circulação do dinheiro.<sup>1</sup>

Essas são instituições que se movimentam sob fins lucrativos, onde em suas transações que materializam figuras financeiras, como juros e taxas captam os lucros, os quais fazem dessas instituições um negócio rendoso.

Diz a história que o surgimento das instituições bancárias estão atreladas ao surgimento da moeda, inicialmente ações bem restritas, mas que com o florescimento do comércio, isso já na Idade Média, o setor foi se ampliando, se reestruturando sob práticas providas de formalidade e sistematicidade, o cenário que se constituiu o palco de maior expressão nesse momento, foi o europeu. Registra-se ainda que nesse período prestações de serviços foram formatados, que perduram até hoje, a exemplo dos depósitos.

Há parte da história que relata a existência de “sistemas financeiros desde a antiguidade, onde os povos fenícios já utilizavam várias formas diferentes de realizar pagamentos, como documentos de créditos”.<sup>2</sup>

Mas os registros mais afirmativos se reportam a instalação dessas instituições, datando do século XVII, no contexto europeu, salientando a ampliação de modais distintos de funcionamentos bancários, ressaltando o industrial decorrente do advento da Revolução Industrial, onde se movimentava valores vultuosos com vistas ao desenvolvimento/crescimento das indústrias.(MEGDA, 2012)

Essas instituições bancárias foram ampliando suas negociações e campos de atuação, tanto no sentido dos ramos de negócios como no aspecto geográfico, estando desde sua idealização alinhada com o desenvolvimento da economia, fortalecendo as bases da classe minoritária, os compreendidos donos dos meios de produção, que assume o status da classe hegemônica no contexto capitalista.

---

<sup>1</sup>INSTITUIÇÕES bancárias. Disponível em: [http://wiki.advfn.com/pt/Institui%C3%A7%C3%B5es\\_banc%C3%A1rias](http://wiki.advfn.com/pt/Institui%C3%A7%C3%B5es_banc%C3%A1rias). Acesso em 29 jan 2016

<sup>2</sup> Idem. p. 1

Atendo-se aos registros históricos, informa-se que no cenário brasileiro, embora tenhamos o entendimento de termos tido um capitalismo tardio, ainda é verdadeiro afirmar que a instalação das instituições bancárias se deu logo depois de ocorrido no cenário europeu, datando, portanto, serem instituições que dinamizaram a realidade brasileira a partir do século XIX, atrelada também ao surgimento das indústrias. (MEGDA, 2012).

Considera-se que as instituições bancárias em variadas situações têm sido requisitadas pela população no contexto financeiro, se movimentando enquanto o verso e anverso da moeda, posto que a oferta de seus serviços ao tempo que soluciona problema de ordem financeira apresentada pela clientela, atrai agravos no financeiro destes, decorrente dos juros e taxas que embute nas transações que se realizam.

### 3. COOPERATIVAS DE CRÉDITO.

Compreendida a dinâmica e filosofia de funcionamento das instituições bancária, as observações voltar-se-ão a partir desse momento para as cooperativas, onde a título informativo, registra-se o que aduz Souza (1992, p. 21) sobre o surgimento desse modal de instituição financeira:

Quanto a sua origem, o cooperativismo de crédito surgiu na Alemanha em 1849, por iniciativa de Fredrich Wilhelm Raiffeisen, na modalidade rural. Um ano depois, Herman Schulze, também na Alemanha, dava início ao cooperativismo de crédito urbano<sup>3</sup>. No Brasil, surgiu com a iniciativa do jesuíta suíço Theodor Amstad em 1902, no município de Nova Petrópolis (RS) funcionando no modelo agrícola alemão.

Assim, para facilitar a compreensão do estudo, a definição a seguir pontua elementos que esclarecem em que consistem as cooperativas de crédito:

A cooperativa de crédito é instituição financeira, constituída sob a forma de sociedade cooperativa, que tem por objeto a prestação de serviços de intermediação financeira aos associados, como concessão de crédito e captação de depósitos à vista e a prazo. Também podem ser disponibilizados serviços de cobrança, de custódia, de recebimentos e pagamentos por conta de terceiros – sob convênio com instituições financeiras, instituições privadas e correspondentes – e outros, conforme regulamentação em vigor.

Observa-se que os serviços prestados por essas instituições, são similares aos ofertados pelas bancárias, no entanto, há efetivas divergências, dentre as quais destaca-se, a questão da lucratividade, que efetivamente bifurca a filosofia de atuação, posto que em sua proposta solidária as cooperativas de crédito, orienta suas ações no sentido de prestar assistência aos cooperados, que também se constitui sua clientela, buscando atendê-los em suas necessidades, sob baixos custos operacionais, essenciais apenas à sua manutenção. (LUQUET, 2016)

Diante dessa constatação e sabendo que as cooperativas se fundam a partir de um agrupamento de pessoas mediante forma e natureza jurídica própria, principalmente sem fins lucrativos, esta tem por base o objetivo de “propiciar crédito e prestar serviços financeiros de modo mais simples e vantajoso, distribuindo seus resultados, as “sobras”, para seus associados. (NISKI, 2011, p. 11)

Nesse sentido, registra-se os princípios e as respectivas linhas orientadas que materializa o cooperativismo, que foi salientado por Niski (2011, p. 17)

---

- **Adesão voluntária e livre** - As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminações de sexo, social, racial, política e religiosa.
- **Gestão democrática pelos cooperados** - As cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação de suas políticas e na tomada de decisões. O voto de todos tem o mesmo valor
- **Participação econômica dos cooperados** - Os associados contribuem igualmente para o capital de suas cooperativas e controlam o seu uso democraticamente. Parte desse capital é, naturalmente, propriedade comum da cooperativa.
- **Autonomia e independência** - As cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus associados.
- **Educação, formação e informação** - As cooperativas promovem a educação e a formação dos seus associados, dos representantes eleitos e dos trabalhadores de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação.
- **Intercooperação** - As cooperativas servem de forma mais eficaz aos seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
- **Interesse pela comunidade** As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades por meio de políticas aprovadas pelos seus membros.

Observa-se que é uma filosofia de operacionalizações financeiras em que os princípios são eminentemente democráticos, cuja preocupação circula em torno do coletivo, que no comparativo com as instituições bancárias, suas ações deixam evidentes que o foco não está na lucratividade, mas na assistência a seus cooperados que nesse processo assumem a figura de proprietário e cliente.

Atribui-se também a esse sistema de operações financeiras, o entendimento de que é “uma ferramenta de melhoria econômica e social, [...]. No interesse individual para solucionar os problemas de ordem econômica e social, o indivíduo percebe que, se unindo a outros, poderá conseguir resultados mais positivos (SILVA; BACHA, 2007, p. 203).

#### 4. COOPERATIVAS X BANCOS

A partir dessa análise, é verdadeiro afirmar que as cooperativas são efetivamente divergentes no seu processo operacional, e para corroborar com esse entendimento o quadro abaixo expõe esse comparativo.

<b>Critério</b>	<b>Bancos</b>	<b>Cooperativas de crédito</b>
<b>Formação da Sociedade</b>	São sociedades de capital	São sociedades de pessoa
<b>Poder de Decisão</b>	O poder é exercido na proporção do número de ações	O poder é igual para todos, mediante voto (uma pessoa, um voto)
<b>Aspectos Decisórios</b>	As decisões são concentradas	As decisões são partilhadas entre muitos
<b>Administração</b>	O administrador é contratado no mercado	O administrador é do meio (cooperativado)
<b>Perfil do Usuário</b>	O usuário das operações é um mero cliente	O usuário é o próprio dono.
<b>Política Operacional</b>	O usuário não exerce qualquer influência na política operacional	Toda a política operacional é decidida pelos próprios usuários/donos (cooperativados)
<b>Tratamento ao Cliente</b>	Podem tratar distintamente cada usuário	Não podem distinguir: o que vale para um, vale para todos (art. 37 da lei n 5.764/71)
<b>Orientação na busca de clientes</b>	Preferem o grande poupador e as maiores corporações	Não discriminam, voltando-se mais para os menos abastados
<b>Áreas de atuação</b>	Priorizam os grandes centros (embora não tenham limitações geográficas)	Não restringem, tendo forte atuação nas comunidades mais remotas (mesmo por que, em razão de sua natureza comunitária, têm limitação de área geográfica)
<b>Propósito</b>	Tem propósitos mercantilistas	A mercancia não é cogitada (art. 79, parágrafo único, da Lei n 5.764/71)
<b>Remuneração pelo serviço prestado</b>	A remuneração das operações e dos serviços não tem parâmetro/limite	O preço das operações e serviços visa à cobertura de custos (taxas de administração)
<b>Atendimento</b>	Atendem em massa, priorizando Demais o auto-atendimento	O relacionamento é personalizado, individual, com apoio da informática
<b>Vínculo com a região de atuação</b>	Não tem vínculo com a comunidade e o público-alvo	Estão comprometidas com as comunidades e os usuários
<b>Crescimento</b>	Avançam pela competição	Estão comprometidas com as comunidades e os Usuários
<b>Objetivo final</b>	Visam o lucro por excelência	O lucro está fora do seu objeto (art. 3 da Lei 5.764/71)
<b>Resultado financeiro</b>	O resultado é de poucos donos (nada é dividido com os clientes)	O excedente (sobras) é distribuído entre todos (usuários), na proporção das

		operações individuais, reduzindo ainda mais o preço final pago pelos cooperativados
<b>Regulação</b>	No plano societário, são regulados pela Lei das Sociedades Anônimas	São reguladas pela Lei Cooperativista

Quadro 1. **Diferenças entre bancos e cooperativas**

Fonte: Lored de Souza; Meinem (2010). In: NISKI, Felipe Macedo (2011, p. 34)

Considerando o exposto no quadro I, que dá a devida visualização ao formato operacional dessas duas instituições financeiras, acresce-se a esses comparativos a relação/tratamento que essas instituições estabelecem com seus colaboradores, onde fica compreendido que ao tempo que as cooperativas pautam efetivamente suas ações na satisfação dos usuários dos serviços primam pela relação cordial com seus colaboradores na compreensão que ao desempenhar com satisfação suas atividades é inerente o seu retorno econômico.

Em contra partida os bancos imprimem pressão aos seus colaboradores no sentido de venderem os produtos que estão em suas prateleiras, determinando metas, que se não cumpridas serão passivas de sanção, pois sustentam-se no entendimento de que “as organizações, atualmente, têm vivenciado profundas transformações econômicas, sociais e ambientais. Inseridas num mercado cada vez mais competitivo, exige-se delas ações contínuas que visam maximizar os seus resultados e garantir suas permanências no mercado” (PESSOA; PEREIRA, 2012).

## 5. CONCLUSÃO

Assim, pode-se inferir que as instituições bancárias e as cooperativas de crédito, conforme dito anteriormente ofertam serviços que se assemelham no formato que as definem como operações financeiras, entretanto, são efetivamente diferente no que tange aos objetivos que lhes dão sentido junto a clientela, pois, no contexto bancários o foco está assentado na lucratividade com vista a beneficiar a classe minoritária detentora do capital, enquanto que as cooperativas têm por objetivo assistir sua clientela, de forma a contribuir com solucionamento de problemas em prol da dignidade humana, da qualidade de vida, em outros termos, se movimentam sob proposta cidadã.

## REFERÊNCIAS

*INSTITUIÇÕES bancárias*. Disponível em:

[http://wiki.advfn.com/pt/Institui%C3%A7%C3%B5es\\_banc%C3%A1rias](http://wiki.advfn.com/pt/Institui%C3%A7%C3%B5es_banc%C3%A1rias). Acesso em 29 jan 2016

LUQUET, Mara. *Conheça melhor as cooperativas de crédito para reduzir custos financeiros*.

Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2014/11/conheca-melhor-cooperativas-de-credito-para-reduzir-custos-financeiros.html>. Acesso em 29 jan 2016

MEGDA, Andréa Vieira. *Uma análise histórica dos bancos do sul de Minas Gerais (1900-1930)*. Disponível em: [http://www.unifal-](http://www.unifal-mg.edu.br/economia/sites/default/files/economia/2_relatoriosIC/TCP_Andrea_Final.pdf)

[mg.edu.br/economia/sites/default/files/economia/2\\_relatoriosIC/TCP\\_Andrea\\_Final.pdf](http://www.unifal-mg.edu.br/economia/sites/default/files/economia/2_relatoriosIC/TCP_Andrea_Final.pdf). Acesso em 28 jan 2016

NISKI, Felipe Macedo. *O Cooperativismo de crédito e a bancarização no Brasil transformações nos aspectos institucionais de seu desenvolvimento*. Monografia no Curso de Ciências Econômicas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011

PESSOA, José Klemens Duarte; PEREIRA Luciano Zille. *Competências organizacionais: estudo de caso em uma Cooperativa de Crédito no setor público na cidade de Belo Horizonte*. [2012]. Disponível em: <http://www.unihorizontes.br/mestrado2/competencias-organizacionais-estudo-de-caso-em-uma-cooperativa-de-credito-no-setor-publico-na-cidade-de-belo-horizonte/>. Acesso 29 jan 2016

SILVA, Vanessa de Cillos. BACHA, Carlos José Caetano. *Análise do funcionamento e da evolução das cooperativas de crédito rural no Brasil de 1990 a 2005*. Pesquisa & Debate, SP, volume 18, n. 2, 2007, p. 197-222

SOUZA, A. S. *Cooperativismo de crédito: realidades e perspectivas*. Rio de Janeiro: OCB, 1992.